

Tocantínia ainda vive sob tensão

ESP 16.7.76

Do correspondente em
GOIÂNIA

A Delegacia Regional da Funai recebeu ontem telegramas urgentes do posto indígena Xerentes, de Tocantínia, solicitando o envio de alimentos e reforços policiais para a população indígena, que teme novas represálias.

Segundo a Funai, depois do incidente da semana passada, em que morreram três brancos e um índio, os comerciantes de Tocantínia vêm se recusando a vender víveres aos índios.

A Delegacia da Funai informou que a situação já está sob controle, mas causa muita preocupação. A população de Tocantínia teme um ataque em massa dos índios, principalmente depois que circulou na cidade um boato de que os xerentes das diversas aldeias haviam se unido para promover um grande ataque aos brancos.

Essa versão, contudo, foi formalmente desmentida pelo destacamento da PM deslocado de Araguaiana para a região e pelos cinco funcionários do posto da Funai.

"As três nações indígenas que vivem no Amapá poderão sofrer grandes impactos culturais e biológicos se não se traçar um plano global de política indigenista para o território, que inclua, prioritariamente, a demarcação das terras dos índios". Foi o que afirmou ontem o missionário Nello Ruffaldi, representante do Oiapoque no curso sobre perspectivas de integração do índio na Sociedade Nacional, que o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) está promovendo na Universidade Católica de Goiás.

Outra preocupação manifestada pelo missionário foi em relação a construção da BR-156, que ligará o Maçapá ao Oiapoque, "podendo trazer graves problemas para os silvícolas da região, pois ela cortará florestas virgens onde vivem os três grupos indígenas". Poderá ocorrer também, acrescentou, uma invasão da área por grandes grupos econômicos e até mesmo por lavradores.

Ruffaldi reclamou ainda da existência na região de uma fazenda de criação de búfalos, pertencente a colônia militar de Clevelândia, que poderá criar problemas no futuro.